

A literatura apocalíptica: o gênero como expressão

Apocalyptic literature: genre as the expression

Dionísio Oliveira Soares*

Resumo

A literatura chamada de “apocalíptica” tem recebido uma renovada apreciação nos últimos anos. Entretanto, percebe-se certa confusão terminológica que, por fim, leva a uma classificação equivocada do gênero de certos escritos. O presente artigo tem por finalidade analisar as conceituações e as expressões literárias da apocalíptica, com o intuito de se chegar a uma definição mais clara do tema, distinguindo *apocalipse* enquanto *gênero literário* e *apocalíptica* enquanto *mentalidade*, com as formas básicas de expressão literária do gênero e seus paralelos antigos. Assim, o artigo é dividido em duas partes: primeiramente, verificam-se as definições e características atribuídas ao gênero apocalíptico pelos principais autores do tema, especialmente no que se refere aos escritos judaico-cristãos produzidos entre 250 a.C. e 100 d.C.; em seguida, verificam-se os paralelos antigos presentes na literatura de outros povos, como os sumérios, os persas e os gregos. Por fim, faz-se uma breve análise da ocorrência dessa literatura nos **Manuscritos do Mar Morto**. Isso posto, chega-se à conclusão de que é possível fazer a distinção acima proposta, a qual traz maior clareza na definição e classificação dos escritos ao gênero atribuídos.

Palavras-chave: Gênero apocalíptico; Modo de pensar; Expressões literárias básicas; Paralelos antigos.

Durante muito tempo os escritos apocalípticos foram tratados como fantasiosos, esotéricos, de difícil compreensão. Somente no século XX a *literatura apocalíptica* e o *apocalipsismo* passaram a ter sua importância intensificada.

Essa importância cresceu à medida que foi sendo constatada a grande participação desses escritos na formação do pensamento cristão, com sua influência na fé e nas expectativas do judaísmo tardio e,

Artigo recebido em 16 de outubro de 2008 e aprovado para publicação em 7 de abril de 2009.

* Bacharel e licenciado em Letras Clássicas pela UFRJ, mestre e doutorando em Teologia pela PUC Rio, docente da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (Fabat), e-mail: dionisiosoares2001@yahoo.com.br.

por conseguinte, do cristianismo primitivo, sendo os livros intertestamentários o principal exemplo disso.

Sabe-se também que o interesse pela literatura apocalíptica normalmente cresce em tempos de crise, como aconteceu após a Primeira Guerra Mundial, no século passado, assim como no primeiro século da Era Cristã (sob o domínio do Império Romano), e também na época macabaica da história de Israel (século II a.C.).

Assim, vários fatores contribuíram para o renascer do interesse pela apocalíptica, como a disponibilidade de novos textos (por exemplo, os manuscritos encontrados em Qumran, perto da costa do Mar Morto), o reconhecimento pelos teólogos em geral da importância da apocalíptica no estudo teológico¹ (ao contrário do pequeno valor dado ao tema no século XIX), ajudando na compreensão não só da profecia do AT, mas também dos Evangelhos e epístolas neotestamentárias, e a afinidade com o mundo moderno, em que incertezas, temores e tentativas de predizer o futuro, tudo calcado em crises sociopolíticas e religiosas, lembram circunstâncias de escritos apocalípticos.

Entre esses escritos pode haver registros irrelevantes, mas há muita coisa informativa e de valor perene. Atualmente se reconhece que a apocalíptica representa um desdobramento significativo no judaísmo intertestamentário, sendo fator importante para a compreensão do contexto histórico e teológico do NT, sobretudo em relação às crenças de teor escatológico e messiânico.

A terminologia recorrente: conceituações

D. S. Russel afirma que o gênero apocalíptico “era, essencialmente, um fenômeno literário que emergiu no Judaísmo durante o domínio do rei selêucida Antíoco Epífanes (175-163 a.C.)” (cf. RUSSELL, 1978, p. 3). Ele assevera que:

A palavra “apocalíptico” é derivada do substantivo grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. Entretanto, seu uso, com referência a esse gênero de literatura, é devido com toda probabilidade não ao caráter revelatório dos livros em questão, mas preferivelmente ao fato de que eles têm muito em comum com o Apocalipse do Novo Testamento, com seu linguajar esotérico, sua imaginação bizarra e seus pronunciamentos relativos à consumação de todas as coisas em cumprimento das promessas de Deus. (cf. RUSSELL, 1978, p. 3)

Em nível corrente, palavras como “apocalipse” e “apocalíptica” são, modernamente, encontradas em temas de novelas, filmes e até em

1. Podem ser citados, entre outros, Ernst Käseman, Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann (cf. RUSSELL, 1978, p. 23-24).

jogos de computador, sempre envoltas em tramas de indescritível terror e derramamento de sangue; nesse aspecto, resumem a ideia de “catástrofe absoluta” e “colapso total” da sociedade, indicando completa destruição do gênero humano e devastação por guerra nuclear do planeta Terra (cf. RUSSELL, 1997, p. 16). Afora isso, a apocalíptica tem uma mensagem que, reinterpretada na forma dos modelos contemporâneos e culturais, pode ser de extrema relevância para o mundo atual.

Nas análises já feitas do material encontrado em Qumran, fica clara uma estreita afinidade entre essa comunidade e outros grupos apocalípticos que deram origem a esse material. No caso do livro de **Daniel**, por exemplo, foram encontrados pelo menos “sete manuscritos qumrânicos do livro de **Daniel**, o que certamente acusa sua apreciação entre os membros da comunidade” (cf. RUSSELL, 1997, p. 23). O mesmo ocorreu com outros livros do período intertestamentário, como o **Livro dos Jubileus** (fragmentos de pelo menos dez manuscritos desse livro) e **1 Enoque** (restos de dez manuscritos aramaicos diferentes).

A literatura apocalíptica abrange, primeiramente, os escritos judaicos e cristãos compreendidos entre 250 a.C. e 100 d.C., época em que esse tipo de literatura floresceu abundantemente, embora traços dela possam ser encontrados em escritos anteriores e posteriores.

Entretanto, a palavra “apocalíptica”, além de seu uso frequente como simples sinônimo para “cataclismo” na literatura moderna, possui uma gama variada de nuances e interpretações, ocasionando uma dificuldade óbvia no estudo desse gênero (cf. RUSSELL, 1978, p. 21). A designação costuma abarcar, também, outros gêneros que constituem parte do mesmo ambiente (cf. RUSSELL, 1997, p. 26).

Vimos que a palavra “apocalíptica” é de origem grega e significa “descobrir”, “revelar”. Entretanto, essa definição, por si só, não explica o leque de sentidos que a palavra e seus cognatos abarcam. Primeiramente, foi uma expressão técnica que a Igreja Cristã utilizou, a partir do II século d.C., para indicar todo escrito semelhante ao **Apocalipse** canônico, pegando deste o nome para designar o estilo de escrever.

Em linha geral, essa literatura inclui conflito, escatologia e universalismo. A história humana e a cósmica pertencem conjuntamente a um desdobramento do grande e dramático conflito entre Reino de Deus e Reino de Satanás. A era do conflito será difícil e amarga, mas se encerrará brevemente. O triunfo de Deus está assegurado, e junto com ele o triunfo de seu povo. Essa vitória se alcançará não por desenvolvimento natural, mas por revolução ou, preferivelmente, por uma inter-

venção catastrófica e sobrenatural. O próprio Deus dominará sobre a história em um ato poderoso de julgamento e estabelecerá seu reino. Essa noção de final da história é um tema constantemente repetido nessa literatura, e é esse fim que dá sentido ao presente e ao passado; e, também nele, todas as coisas, na Terra e no Céu, receberão sua recompensa merecida.

A expressão “apocalíptica” é usada, além da função adjetiva, também como substantivo coletivo, designando tanto a “literatura apocalíptica” como o conjunto de ideias que a produziu, ocasionando confusão no debate apocalíptico no correr dos anos. John Joseph Collins apresenta três razões desse uso indistinto do termo: o uso do nome “apocalipse” para designar um amálgama de elementos literários, sociais e fenomenológicos; a falta de clareza no reconhecimento e na classificação desse gênero na Antiguidade (rotulado como gênero somente a partir do **Apocalipse** neotestamentário); e o fato de os próprios apocalipses judaicos abrangerem várias formas literárias distintas, como visões, preces, lendas, testamentos e outros (COLLINS, 1984, p. 2-3).

Klaus Koch define o termo genérico “apocalíptico” como “especulação que – frequentemente em forma alegórica (...) – pretende interpretar o curso da história e revelar o fim do mundo” (KOCH, 1972, p. 33). Ele trouxe certa clareza a essa confusão terminológica; o “apocalipse” trata-se de um “macrogênero”, do qual se faz necessário distinguir os diversos tipos literários que o compõem. Distingue “apocalipse” (tipo ou gênero literário) e “apocalíptica” (“movimento intelectual”). Ele tomou como referência os escritos apocalípticos compostos em hebraico ou aramaico (ou que mostrassem claramente essa influência), os quais identificou como **Daniel**, **1 Enoque**, **2 Baruque**, **4 Esdras**, o **Apocalipse de Abraão** e o **Apocalipse de João** (KOCH, 1972, p. 18-35).

Assim, submetidos esses escritos à crítica das formas, eles parecem mostrar que havia um estilo apocalíptico em torno da virada da era, ou seja, o apocalipse constituía tipo literário reconhecível, apesar do caráter complexo e de absorver em si mesmo outros gêneros. A “apocalíptica” seria um termo coletivo indicando “um movimento de mente” histórico, cujos motivos também seriam identificáveis, embora não tão fáceis como as marcas crítico-formais do apocalipse como gênero literário.

Segundo Koch, os motivos desses escritos seriam as condições existenciais em termos da iminente convulsão em uma grande catástrofe cósmica como ápice do curso predeterminado da história, em

que desempenham papel importante os “anjos das nações”. Após a catástrofe, os justos gozarão uma salvação paradisíaca que nasce no trono de Deus e se torna visível como “o Reino de Deus” sobre a Terra ou como “a era vindoura” em contraposição à “era presente”; muitas vezes, a redenção final está associada a “um mediador exercendo funções reais” e é descrita como “ressurreição gloriosa” que caracterizará a era vindoura no céu.

Já Paul D. Hanson, professor da Universidade de Harvard, avançou na classificação e propôs uma distinção tríplice, estabelecendo nítida separação entre “apocalipse”, “escatologia apocalíptica” e “apocalipsismo” (HANSON, 1976, p. 27-34). Esse autor afirma que:

Nas recentes tentativas em acrescentar precisão à terminologia utilizada na discussão do fenômeno vagamente chamado de apocalíptico, “apocalipse” veio a designar um gênero literário, em contraste com os conceitos relacionados “escatologia apocalíptica” e “apocalipsismo”. (HANSON, 1976, p. 279-292)

Essa tríplice distinção se fundamenta em gênero (apocalipse), cosmovisão (escatologia apocalíptica) e movimento social (*apocalipsismo*), ou gênero (apocalipse), perspectiva (a profecia escatológica) e ideologia (*apocalipsismo*). Ele chama a atenção para a cautela no uso dessa tríade como instrumento metodológico para investigação do fenômeno apocalíptico antigo, tendo em vista que, no contexto original dos escritos, tais categorias não eram rigidamente distinguidas pelos autores apocalípticos:

Ao usar tais ferramentas, é conveniente lembrar que os antigos escritores apocalípticos não distinguiam rigidamente entre gênero, perspectiva e ideologia, e disso conclui-se que essas categorias devem ser sempre utilizadas com uma grande sensibilidade para com a integridade e complexidade das composições em si mesmas. (HANSON, 1976, p. 279-292)

Hanson usa o termo “apocalipse” para designar o gênero literário que pode ser encontrado ao lado de outros gêneros, como o testamento, o oráculo de julgamento e de salvação e a parábola. O **Apocalipse** de João, nos seus dois primeiros versos, daria, como paradigma, os quatro pontos da estrutura típica desse gênero: uma revelação que é dada por Deus; a transmissão se dá por um mediador; o receptor é um visionário; os temas tratados dizem respeito a eventos futuros. Seu marco social também é tomado do livro do **Apocalipse**, em 1,19: esclarecer aos eleitos aquilo que ainda há de acontecer, servindo então de coragem e conforto numa época de opressão, com o intuito de manter a fidelidade deles (HANSON, 1976, p. 27). Um exemplo desse gênero se dá em **Daniel** 7-12.

A exemplo do que já afirmara Koch, Hanson assevera que os escritores utilizaram o gênero apocalíptico com considerável liberdade, adaptando-o aos seus propósitos, resultando numa diversidade de expressões. Assim, um apocalipse não é necessariamente o gênero exclusivo numa obra assim classificada (é dominante na maioria dos casos), mas encontrado com muitos outros.

Por “escatologia apocalíptica” ele entende não um gênero, nem um movimento sociorreligioso ou um sistema de pensamento, mas uma “perspectiva religiosa”, uma cosmovisão, ou seja, “um modo de ver os planos divinos em relação com realidades mundanas” (HANSON, 1976, p. 29), não sendo exclusividade de uma religião ou grupo político específicos, mas podendo ser adotada por diferentes grupos ou indivíduos em diferentes épocas e diferentes níveis. Essa perspectiva concebe a ação salvífica de Deus como uma realização para fora da ordem presente, caminhando para uma ordem transformada e futura; essa nova ordem, diferentemente da escatologia dos profetas do AT (os quais concebiam uma reabilitação da ordem presente), implica necessariamente o fim da ordem presente pela sua destruição. O futuro é tomado como contexto de julgamento e salvação eterna; nessa perspectiva acerca do futuro, a escatologia apocalíptica “pode ser vista como uma continuação da escatologia profética” (HANSON, 1976, p. 30).²

Assim, a realidade é dividida em duas eras: a presente era má e a futura era de justiça, retidão e paz (**4 Esdras**, do primeiro século d.C., afirma em 7,50: “O Altíssimo não fez uma era, mas duas”). Vale ressaltar que, além de se referirem a épocas temporais, essas eras também implicavam duas realidades cósmicas diferentes.

Acrescenta-se a isso o fato de que essa escatologia não se preocupa apenas com a era vindoura, mas também com a interpretação do passado e da era presente, considerada a era do mal. Além disso, ela não é limitada aos apocalipses, mas aparece também em outros gêneros literários.

Já o *apocalipsismo* está relacionado a “um movimento religioso-social” que adota a perspectiva da escatologia apocalíptica: é “um sistema de pensamento produzido por movimentos visionários, construídos sobre uma perspectiva escatológica específica” (HANSON, 1976, p. 28). Assim, a realidade é vista através do universo simbólico no qual o grupo apocalíptico codifica sua identidade e sua interpreta-

2. Isso não significa, entretanto, que essas duas escatologias, em essência, sejam a mesma coisa (cf. HANSON, 1979, p. 11).

ção dessa realidade. Esse universo é desenvolvido como uma forma de protesto contra a sociedade dominante, expressando o senso de “impotência” do grupo frente a essa dominação. Ele serve como resposta a essa situação; esse novo universo simbólico deverá substituir a velha ordem.

Entretanto, esse “movimento” se expressa de diversas maneiras como resultado de condições históricas que se modificam, não sendo possível, assim, dar uma definição formal cognitiva do apocalipsismo; abrange diferentes temas, tradições e gêneros, sendo que “o resultado é com frequência uma coleção de conceitos e motivos de alta natureza eclética e caracterizada pelo esotérico, bizarro e arcano” (HANSON, 1976, p. 30; HANSON, 1979, p. 433).

Hanson acrescenta ainda que esses movimentos apocalípticos podem ser de dois tipos: um grupo marginalizado ou oprimido dentro de uma sociedade, ou uma nação inteira sob o jugo de um poder estrangeiro (como em **Daniel** 7-12) (HANSON, 1979, p. 434-435). A base do apocalipsismo é a alienação (exclusão e opressão), e a resposta a essa situação é a adoção da perspectiva da escatologia apocalíptica. Os *apocalipsistas* judeus antigos criaram um novo “universo simbólico” em resposta à experiência de alienação e opressão que viviam, subjugados às autoridades políticas e religiosas de sua época.³

Para Gerhard Von Rad, a apocalíptica não representaria um “gênero” específico do ponto de vista literário. Pela *história das formas* ela é, na verdade, um *mixtum compositum* que levaria a uma pré-história muito complexa do ponto de vista da história das tradições (VON RAD, 2006, p. 738).

Von Rad aceita que a literatura apocalíptica em Israel recebeu influências estrangeiras, especialmente a iraniana; mas assevera que essa influência já estaria presente na sabedoria israelita desde a época de Salomão, sendo mais acentuada no Império Persa, principalmente em relação às ideias cosmológicas de caráter claramente escatológico.

John G. Gammie também assevera que a literatura apocalíptica não constitui um bloco monolítico. Ele classifica as variadas formas literárias da apocalíptica como “subgêneros”:

Os subgêneros recorrentes da literatura apocalíptica são: comunicação de visão, vaticínio ex-eventu, parêneses, gêneros litúrgicos (bênçãos, lamento, hinos e orações), sabedoria natural, estórias, fábulas, alego-

3. Essa ideia de que a apocalíptica originou-se em grupos oprimidos tem sido questionada recentemente (Cf. GARMUS, 2000, p. 35-47). Para ele, o texto de **Ezequiel** tem características apocalípticas e provém de um grupo sacerdotal.

rias, diálogos, enigmas, mashal ou parábola, interpretação de profecia ou pesharim e previsões escatológicas. (GAMMIE, 1976, p. 193)

Um outro grupo de especialistas no assunto, pertencentes à SBL (*Society of Biblical Literature*), também afirma que os escritos apocalípticos não podem ser tratados como um gênero uniforme, como um bloco monolítico. Dentre eles está o já citado J. J. Collins; para ele, um apocalipse “não é constituído por um ou mais temas distintivos, mas por uma combinação de elementos, os quais são encontrados em outros lugares” (COLLINS, 1998, p. 8). Collins define apocalipse como:

Um gênero de literatura de revelação inserido numa moldura narrativa, na qual uma revelação é mediada por um ser do outro mundo para um receptor humano, revelando uma realidade transcendente a qual é tanto temporal, na medida em que visa à salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, um mundo sobrenatural. (COLLINS, 1979, p. 9)⁴

Dado todo o exposto, podemos verificar a falta de clareza e a diversidade de opiniões no tratamento do tema entre esses principais autores. Apesar disso, podemos distinguir o *apocalipse* enquanto gênero e a *apocalíptica* enquanto mentalidade, deixando a escatologia como um tema à parte, já que não é um tema exclusivo da apocalíptica nem um tema que, embora muito recorrente, necessariamente nela apareça. A definição mais apropriada do gênero, ao que nos parece, é a dada por Collins, citada acima.

Podemos asseverar, então, clareando tudo o que foi exposto acima, que *apocalipse* trata-se de um gênero literário, e *apocalíptica* trata-se de uma mentalidade, uma forma de pensar específica, cuja expressão se dá por diversas formas literárias.

As expressões literárias básicas do gênero apocalíptico e seus paralelos antigos

Como especificação do gênero literário apocalíptico, conforme apresente mais marcadamente o aspecto temporal ou geográfico (o mundo sobrenatural, conforme definição acima), Collins sugere como significativa a distinção entre os *apocalipses “históricos”* (**Daniel, Livro dos Jubileus, 4 Esdras, 2 Baruque** e, no **1 Enoque**, o **Livro dos sonhos** e o **Apocalipse das semanas**) e os apocalipses de *viagens a outro mundo* (**2 Enoque, 3 Baruque**, o **Testamento de Abraão**, o **Apocalipse de**

4. Cf. também, do mesmo autor, **Daniel, with an introduction to apocalyptic literature**, 1984, p. 4, onde ele retoma a mesma definição.

Abraão, o Apocalipse de Sofonias, o Testamento de Levi 2-5 e, no 1 Enoque, o Livro das sentinelas, o Livro de astronomia e Similitudes) (COLLINS, 1984, p. 6-19).

Segundo ele, esses dois são os tipos básicos do gênero apocalíptico. No primeiro, é feita uma inspeção da história enquanto conducente a uma crise escatológica sem referência à viagem a outro mundo; no segundo, estão aqueles que descrevem viagens para outro mundo e podem se referir à inspeção histórica, a fenômenos cósmicos ou à sorte do indivíduo após a morte.

Os apocalipses *históricos* podem ter como meio de revelação a *visão de um sonho simbólico* (como em **Daniel 2 e 7**), a *epifania*, um *discurso angelical*, um *diálogo de revelação*, *midrax*, *peshet*, e *relato de revelação*. O conteúdo da revelação pode ser a *profecia ex-eventu* (que pode ser de dois tipos: *periodização da história*, como em **Daniel 2 e 7**, e a *profecia relativa a reinado*) e as *predições escatológicas*.

Já os *apocalipses de “viagens” a outro mundo*, cujas “formas componentes frequentemente sobrepõem-se com aquelas dos apocalipses ‘históricos’” (COLLINS, 1984, p. 14), podem ter como meio de revelação a *transportação do visionário* e a *narrativa de revelação*, e como conteúdo *listas de coisas reveladas*, *as visões das moradias dos mortos*, *cenários de juízo*, *visões de trono*, e *listas de vícios e virtudes*.

Em ambos os casos, ocorrem paralelos com escritos persas. No caso das *visões de sonho simbólico*, elas podem “ser vistas como uma adaptação dos sonhos simbólicos que são atestados por todo o Oriente Próximo” (COLLINS, 1984, p. 7). No *Bahman Yasht* persa (*yasht* significa “ritualmente recitado”, parte do Avesta que contém orações dirigidas aos deuses, recitadas nas festas), Zaratustra tem uma visão simbólica de uma árvore com quatro ramos (no capítulo primeiro, pois no terceiro há uma variante em que aparece uma árvore com sete ramos). *Ahura Mazda* interpreta os ramos como períodos que virão. Esse *yasht*, na forma em que se apresenta atualmente, é uma composição tardia, da era cristã, mas é largamente aceito que ele preserva material muito antigo do *Avesta*.

Diferentemente de outros paralelos, o *yasht* se parece com os apocalipses judaicos tanto na forma quanto no conteúdo; a influência persa é possível, mas a dificuldade de datação do material persa deixa a discussão em aberto. De qualquer modo, a influência da interpretação de sonhos no Oriente Próximo e a possibilidade de fontes persas na literatura apocalíptica devem ser admitidas, o que não deixa de revelar,

em qualquer caso, a considerável criatividade dos escritos apocalípticos judaicos.

Verifica-se uma espécie de “moldura” comum no Oriente Próximo, desde a Suméria do terceiro milênio até o Egito ptolemaico, da Mesopotâmia em direção ao Oeste, até a Grécia. A moldura consiste numa introdução acerca do sonhador, o local e outras circunstâncias importantes do sonho; após o conteúdo da visão, há uma parte final da moldura, a qual, além de descrever o final do sonho, frequentemente inclui uma seção que diz respeito à reação do sonhador, ou ao cumprimento real da predição ou promessa apregoada no sonho.

O mesmo ocorre no caso de sonhos do tipo *viagens a outro mundo*, somente incluindo, após as circunstâncias do sonho, a ascensão ou descida do visionário e, ao final, o seu retorno ao lugar de origem. Vale ressaltar que a moldura não é completa em todos os casos.

O sonho com viagem ao mundo dos mortos é atestado já no caso de *Enkidu*, do poema épico *Gilgamesh* (Cf. PRITCHARD, 1969, p. 72-99). Fora de relatos em sonho, há outros exemplos. Entre os próprios babilônios, há as descidas ao mundo dos mortos atribuídas à deusa *Ishtar* (PRITCHARD, 1969, p. 106-109; entre os sumérios, há as descidas ao mundo dos mortos atribuídas à deusa *Inana* (PRITCHARD, 1969, p. 52-57).⁵ No mundo greco-romano, descidas ao mundo inferior são encontradas em Homero (**Odisseia**, Canto XI)⁶ e Virgílio (**Eneida**, Canto VI).⁷ No Novo Testamento, há a descida de Cristo ao mundo dos mortos (**1 Pedro** 3,18-20). Entretanto, o melhor exemplo se dá entre os persas, no **Livro de Arda Viraf**, o qual é um apocalipse desenvolvido (Cf. COLLINS, 1984, p. 15); na forma atual, o livro é do IX século, mas o tema da ascensão é antigo na tradição persa.

Em relação ao conteúdo das revelações, também há paralelos antigos. As *predições escatológicas* são já encontradas no chamado (erroneamente) “Apocalipse de Isaías” (**Isaías** 24-27, que, apesar de ser uma das seções mais tardias do livro, é bem anterior ao período dos Macabeus).

5. Considera-se que a deusa que os sumérios conheciam por *Inana* era a mesma *Ishtar acádia* — *Astarte* (cf. COHN, 1996, p. 63). Sabe-se que ambas compartilhavam a dupla natureza de serem deusas guerreiras e do amor, ou seja, da fecundidade, no panteão mesopotâmico: “O caráter guerreiro de *Ishtar* é particularmente predominante na Assíria a partir do décimo-primeiro século a.C. quando ela é associada com o próprio deus nacional, *Ashur* (...). Seu caráter guerreiro e de fertilidade é claramente indicado pela sua associação ao deus da fertilidade, *Min*, e ao deus feroz *Reseph*, o qual matou milhares de homens através de guerra e epidemia” (GRAY, 1973, p. 23).

6. Cf. o relato da ida de Ulisses às portas do Hades, na forma narrativa, em Homero (1997, p. 121-134).

7. Cf. o relato narrativo em Virgílio (s/d., p. 94-111).

Outros exemplos são os presságios e agouros (comuns nas *predições escatológicas*), encontrados, por exemplo, no **Livro dos Jubileus** (II século a.C.), em 23,25 (“as cabeças das crianças serão brancas com cabelos grisalhos”),⁸ com paralelo em Hesíodo, nos **Erga**, 181: “quando nascerem já em sua plenitude, com fontes encanecidas”.⁹

O gênero apocalíptico compartilha, ainda, algumas características e motivações com os pseudoepígrafos, os escritos de Qumran e os **Oráculos Sibílicos** (Cf. esse relato em COLLINS, 1983, p. 317-472), os quais, levando-se em consideração tais semelhanças, também podem ser designados como literatura apocalíptica.

No caso dos **Manuscritos de Qumran**, a comunidade ligada a eles era “uma ‘comunidade apocalíptica’, que teve sua origem no ambiente dos movimentos apocalípticos, muito difundidos naquela época” (MARTÍNEZ; BARRERA, 1996, p. 81). Para alguns, os manuscritos oferecem “a única oportunidade para estudar o ambiente institucional do pensamento apocalíptico” (COLLINS, 1998, p. 145), bem como “juntamente com os escritos do cristianismo primitivo, proveem nossa principal evidência antiga de uma comunidade na qual as crenças apocalípticas desempenharam um papel importante” (COLLINS, 1998, p. 175).

Em verdade, a comunidade vivia entre o nomismo e o apocalipsismo, numa tensão entre essas duas tendências: o cumprimento estrito das normas legais da comunidade e a esperança escatológica num fim previsto pelas Escrituras que haveria de se concretizar na comunidade. O Mestre da Justiça, um tipo de sacerdote instituído por Deus para guiar os membros da comunidade, comunicava ao grupo as revelações pertinentes a tudo o que fosse sagrado. Sua conduta era pautada na fidelidade às normas e na repulsa ao sacerdócio de Jerusalém. O interesse pelos aspectos legais da Torá levou-os a ser identificados com o grupo religioso chamado de *assideus* (em grego) ou *hasidim* (em hebraico), homens piedosos do período macabaico, considerados os precursores dos fariseus e dos essênios.

Uma das principais características do apocalipsismo presente nos documentos de Qumran é o *dualismo*. A **Regra da guerra**, conhecida também como “A guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas”, propõe que Deus aniquilará as forças do mal numa guerra escatológica

8. O **Livro de Jubileus** 23, 25 relata: “As cabeças das crianças serão brancas com cabelos grisalhos, a criança de três semanas parecerá um ancião de cem anos, e sua estatura será aniquilada por tribulação e opressão” (cf. CHARLES, 1913, p. 49. A versão espanhola está em DIEZ MACHO, 1984, p. 137).

9. Tradução nossa de *eit' an geinómenoí poliokrótaphoi teléthōsin* (cf. o texto na edição crítica de WEST, M. L. **Hesiod, works and days**, p. 103).

que precederá a era vindoura. Essa noção de batalha final entre bem e mal acompanha a escatologia apocalíptica. Os membros da comunidade viviam um ambiente escatológico bastante acentuado.

No **Manual de disciplina**, por exemplo, chamado também de **Regra da comunidade** (principal livro que contém as normas reguladoras da vida da comunidade), os *filhos da justiça* são exortados a andar de acordo como o “espírito da verdade”, pois o “espírito de perversidade” acompanha os maus; os homens adotam um entre esses dois caminhos. Os *filhos da justiça* são dirigidos pelo Príncipe da Luz e, portanto, andam num caminho de luz, ao passo que os filhos da perversidade são regidos pelo Anjo das Trevas e trilham o seu caminho. Esse anjo que regula o caminho mau se opõe constantemente aos *filhos da justiça*, os quais são ajudados constantemente por Deus e pelo *Anjo da Verdade* (Cf. RUSSELL, 1964, p. 43).

Outras características apocalípticas encontradas em Qumran são: a crença em que todas *as coisas estão reguladas de acordo com os mistérios de Deus*, a *periodização da história* em vista a uma batalha final em que os poderes da luz derrotarão os poderes das trevas (referência ao já citado *dualismo*), a *expectativa messiânica*, e alguma noção de *continuidade da vida no pós-morte*, com paz e luz eternas para os bons e terror e desonra eternos para os maus.¹⁰

Conclusão

Concluindo, observa-se que por vezes a apocalíptica transforma gêneros tradicionais em formas híbridas. No entanto, seu resultado será sempre a expressão da *mentalidade apocalíptica*.

Podemos verificar então que a *literatura apocalíptica* abarca os diversos escritos que refletem a *apocalíptica* enquanto *mentalidade* que se expressa em diversas formas literárias. Assim, a *apocalíptica* utiliza uma variada gama de gêneros literários, dentre os quais se destaca o *gênero apocalíptico*, que é o que melhor expressa as características da dita mentalidade.

Portanto, além do *gênero apocalíptico*, a *mentalidade apocalíptica* incorpora outros gêneros literários (testamento, parábola, hino, oração e outros). Essas formas literárias não constituem um “macrogênero”, como afirmou K. Koch, nem são “subgêneros” do apocalipse, como

10. Cf. a análise dessas outras características apocalípticas nos **Manuscritos de Qumran** em Collins, 1998, p. 150-174.

asseverou J. G. Gammie,¹¹ ou “gêneros menores”, mas a expressão variada de um pensamento dominante (o *apocalíptico*), de uma determinada concepção da realidade e a explicação de seu sentido, expressão essa que utiliza vários gêneros literários.

O gênero literário de uma obra deve ser definido mais pela forma literária do que pelo seu conteúdo. Para Collins, no caso do gênero apocalíptico, a definição deve ser dada por uma combinação da forma com o conteúdo; além disso, tal definição não deve levar em conta, necessariamente, o ambiente social, a função e a intenção do escrito (COLLINS, 1984, p. 4-5). Esses aspectos podem ser adicionados, mas, ao se fazer isso, ampliará o leque em que uma obra poderá ser classificada como apocalíptica.

Em relação aos paralelos antigos, observa-se que o gênero apocalíptico tem paralelos bem anteriores aos séculos III e II a.C. (épocas dos livros de **1 Enoque** e de **Daniel**, respectivamente, este último um desenvolvimento já maduro do gênero), a começar pelo Oriente Antigo, passando por Hesíodo e o profetismo judaico (especialmente o pós-exílio); a aproximação se dá nos motivos e nas características do gênero, cujo tema predominante é a escatologia apocalíptica, a qual se distingue da escatologia profética pela ênfase muito maior na consumação da história do que no curso dela.

Abstract

The so-called “apocalyptic” literature has experienced new recognition recently. However, one can still sense a certain confusion in the terminology, which ends up by leading towards a wrong classification of the literary *genre* of certain writings. The aim of this article is to analyze the concepts and literary expressions of the apocalyptic for a clearer definition of the subject, distinguishing *apocalypse* as a *literary genre* from *apocalyptic* as a *way of thinking*, with basic forms of literary expression and their ancient parallels. Thus, this article is divided into two parts: the first concerns definitions and characteristics of the apocalyptic *genre* according to its main authors, mainly in what refers to Jewish-Christian writings produced between 250 B.C. and 100 A.D. The second part deals with parallel writings present in other ancient cultures, such as the Sumerian, Persian and Greek ones. Finally, a brief analysis of the occurrence of the *genre* in the Dead Sea Scrolls is presented. The conclusion points out the possibility to make the distinction mentioned above, which clarifies the definition and classification of writings attributed to the *genre*.

Key words: Apocalyptic *genre*; Way of thinking; Basic literary expressions; Ancient parallels.

11. Cf. as definições desses autores acima.

Referências

- APOCALIPSISMO: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- BOUZON, Emanuel. As raízes judaicas da escatologia neotestamentária. In: MIRANDA, Mário de França (Org.). **A pessoa e a mensagem de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 97-108.
- CARO, José Manuel Sánchez (Ed.). **História, narrativa, apocalíptica**. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- CHARLES, R. H. (Ed.). **The apocrypha and pseudepigrapha of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1913. v. 2.
- CHARLESWORTH, James H. (Ed.). **The Old Testament pseudepigrapha**. New York: Doubleday, 1983. v. 1.
- COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**: as origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COLLINS, John J. (Ed.). **Apocalypse**: the morphology of a genre. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1979. (Semeia, 14)
- COLLINS, John J. **Daniel, with an introduction to apocalyptic literature**. Michigan: Eerdmans, 1984.
- COLLINS, John J. Escatologia apocalíptica como a transcendência da morte. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). **Religião de visionários**: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo. São Paulo: Loyola, 2005. p. 81-107.
- COLLINS, John J. **The apocalyptic imagination**: an introduction to Jewish apocalyptic literature. 2. ed. Michigan: Eerdmans, 1998.
- COLLINS, John J. **The apocalyptic vision of the book of Daniel**. Montana: Scholars Press, 1977.
- DIEZ MACHO, Alejandro (Ed.). **Introducción general a los apócrifos del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1984. v. 2.
- FERNÁNDEZ, Miguel Pérez (Ed.). **Literatura judaica intertestamentária**. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- FREEDMAN, David Noel (Ed.). **The anchor Bible dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 1.
- GAMMIE, John G. The classification, stages of growth, and changing intentions in the book of Daniel. **Journal of Biblical Literature**, Philadelphia, n. 95, p. 191-204, 1976.
- GARMUS, Ludovico (Ed.). **Apocalíptica**. Estudos Bíblicos 65, 2000. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano.
- GRAY, John. **Near eastern mythology**: Mesopotamia, Syria, Palestine. New York: Hamlyn Publishing Group, 1973.
- HANSON, Paul D. Apocalypse, genre; Apocalypticism. In: CRIM, Keith (Ed.). **The interpreter's dictionary of the Bible**. Nashville: Abingdon Press, 1976. Supplementary Volume.

HANSON, Paul D. Apocalypses and apocalypticism. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). **The anchor Bible dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 1.

HANSON, Paul D. **The dawn of apocalyptic**: the historical and sociological roots of Jewish apocalyptic eschatology. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

HESIOD. **Works and days**. Oxford: Clarendon Press, 1978.

HOMERO. **A Odisseia**: em forma de narrativa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

KOCH, Klaus. **The rediscovery of apocalyptic**. Naperville: Alec R. Anderson, 1972.

MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumran**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTÍNEZ, Florentino García; BARRERA, Julio Treballe. **Os homens de Qumran**: literatura, estrutura e concepções religiosas. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORRIS, Leon. **Apocalyptic**. London: Inter-Varsity Press, 1973.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza (Ed.). **Apocalíptica e as origens cristãs**. Estudos de Religião 19, 2000. São Bernardo do Campo: Unesp.

PLÖGER, Otto. **Theocracy and eschatology**. Virginia: John Knox Press, 1968.

PRITCHARD, James B. (Ed.). **Ancient near eastern texts relating to the Old Testament**. 3. ed. New Jersey: Princeton University Press, 1969.

RICHARD, Pablo (Ed.). **Apocalíptica**. Esperança dos pobres. Ribla 7, 1990. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano.

ROWLEY, H. H. **A importância da literatura apocalíptica**: um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSELL, D. S. **Apocalyptic**: ancient and modern. London: SCM Press, 1978.

RUSSELL, D. S. **Desvelamento divino**: uma introdução à apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 1997.

RUSSELL, D. S. **The method and message of Jewish apocalyptic**. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.

SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. O Apocalipse cristão e os Rolos de Qumran: literatura e movimentos apocalípticos no mundo antigo e suas relações com projetos contemporâneos. **Communio**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 133-155, 2004.

SOARES, Dionísio Oliveira. **Hesíodo e Daniel**: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIRGÍLIO. **Eneida**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-].

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006. v. 2.